



ao rever
os meus dias
passados,
a minha mente
volta-se para
a eternidade:

oitenta anos
de vida

A manhã, dia 14 de dezembro, completarei oitenta anos de vida. Estou a descer a montanha da vida.

Agradeço, antes de mais, a Deus por ter chegado até aqui e por ter sobrevivido. Desde pequeno, apenas com alguns meses, que eu estava destinado a morrer. Naqueles interiores profundos de Santa Catarina, Concórdia, ainda não havia médicos. Todos à minha volta, desolados, diziam: "coitadinho, vai morrer". A minha mãe, desesperada, depois de cozer o pão familiar num forno de pedra, esperou que ele ficasse morno, e com a ajuda de uma pá de madeira, colocou-me por alguns minutos lá dentro. A partir desta experiência de último recurso, melhorei e aqui estou como sobrevivente.

Achei que nunca ultrapassaria a idade do meu pai que morreu de um enfarte fulminante com cinquenta e quatro anos. Sobrevivi. Escrevi um balanço de vida aos cinquenta. Depois comecei a achar que não ultrapassaria a idade da minha mãe que também morreu de enfarte com sessenta e quatro anos. Sobrevivi. Fiz outro balanço aos sessenta. Nessa altura tinha a certeza de que não chegaria aos setenta. Sobrevivi. Tive de escrever outro balanço aos setenta. Por fim, pensei, convicto, que de qualquer modo, não chegaria aos oitenta. Sobrevivi. E lá tenho de escrever outro balanço. Como saí desmoralizado das minhas previsões, não me atrevo a prever mais nada. Quando chegar a hora que só Ele sabe, irei alegremente ao encontro do Senhor.

Relendo os vários balanços, surpreendentemente e sem qualquer intenção prévia, vejo que há constantes que atravessam todas as memórias. Tentarei fazer uma leitura de cego que apenas capta o que é relevante. Sempre me senti movido por uma qualquer paixão mais forte que me levava a falar e a escrever.

A **primeira paixão** foi pela Igreja renovada pelo Concílio Vaticano II. Escrevi a minha tese de doutoramento em Munique: *A Igreja como sacramento; Igreja: carisma e poder* (que me levou ao silêncio obsequioso) e *Eclesiogénesis: as CEBs reinventam a Igreja*.

A **segunda paixão** foi pelo Jesus histórico, a sua gesta que o levou à cruz. Escrevi *Jesus Cristo Libertador; Nossa ressurreição na morte; O evangelho do Cristo cósmico; Via Sacra da justiça*.

A **terceira paixão** foi por São Francisco de Assis, o primeiro depois do Último (Jesus). Escrevi *Francisco de Assis: ternura e vigor; São Francisco: saudades do Paraíso; Comentário à sua oração pela paz*.

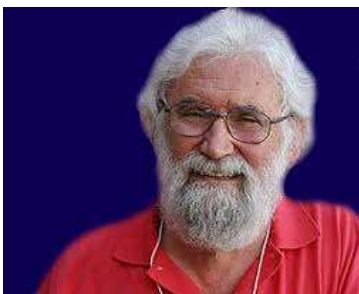
A **quarta paixão** foi pelos pobres e oprimidos. Surgiu a teologia da libertação e escrevi *Teologia do cativo e da libertação; O caminhar da Igreja com os oprimidos*; em conjunto com meu irmão Frei Clodovis, escrevemos *Como fazer teologia da libertação*.

A **quinta paixão** foi pela Mãe Terra superexplorada. Escrevi *A opção Terra: a solução para a Terra não cai do céu; O Tao da libertação: uma*

ecologia da transformação juntamente com Mark Hathaway; *Como cuidar da Casa Comum*.

A **sexta paixão** foi pela condição humana sábia e demente. Escrevi *O destino do homem e do mundo*; *A Águia e a galinha: metáfora da condição humana*; *Despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*; *Saber cuidar*; *O cuidado necessário*; *Feminino – Masculino* juntamente com Rose-Marie Muraro; *O Ser humano como projeto infinito*.

A **sétima paixão** foi pela vida do Espírito: Traduzi o principal da obra do místico Mestre Eckhart; retraduzi, de forma atualizadora, a *Imitação de Cristo de 1441*, acrescentando-lhe uma parte nova; *O seguimento de Cristo*; *Experimentar Deus hoje*; *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*; *O Espírito Santo: fogo interior, doador de vida e pai dos pobres*; *Espiritualidade: um caminho de transformação*.



Publiquei cerca de cem livros. Dá muito trabalho, dispondo apenas de vinte e cinco letras, compor as palavras e, depois, com as palavras formular as frases e, por fim, com as frases conceber o conteúdo pensado de um livro. Quando me perguntam: “o que faz na vida”? Respondo: “sou trabalhador como qualquer outro, como um marceneiro ou um electricista. Só que os meus instrumentos de trabalho são muito subtis: apenas vinte e cinco letras”.

“E o que é que pretende com tantas letras”? Respondo: “apenas pensar, em sintonia, as maiores preocupações dos seres humanos à luz de Deus; suscitar neles a confiança nas potencialidades escondidas em si mesmos, de forma a encontrarem soluções; procurar chegar ao coração das pessoas, levando-as a sentirem compaixão pelo injusto sofrimento do mundo e da natureza, e a nunca desistirem de melhorar a realidade, começando por se melhorarem a si próprios. Independentemente da sua condição moral, devem sentir-se sempre nas palmas das mãos de Deus-Pai-e-Mãe de infinita bondade e misericórdia”.

“E valeu a pena passar por tanto sacrifício para escrever”? Respondo com o poeta Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”. Esforcei-me para que não fosse pequena. Deixo a Deus a última palavra. Agora, com a vida a passar para o outro lado, revejo os dias passados e a mente volta-se para a eternidade.

LEONARDO BOFF é teólogo, filósofo e escritor. Escreveu *Reflexões de um velho teólogo e pensador*, Vozes 2018.

Instituto Humanitas Unisino [IHU]: Entrevista de Leonardo Boff, quando dos seus oitenta anos de idade.

Entrevistadores: João Vitor Santos, Patricia Fachin e Wagner Fernandes de Azevedo, 14 Dezembro 2018

A TEOLOGIA NÃO DEVE SER UMA CIÊNCIA ENCERRADA NUM CASTELO, assim como a Igreja não tem de ser algo colocado no Olimpo, num nível quase inatingível que a afasta das realidades. São estas as perspetivas que orientam as conceções de Leonardo Boff. **“A teologia pode e deve ser sempre feita para responder, com sentido crítico, às últimas exigências da condição humana, mas acabando, necessariamente, por desembocar numa espiritualidade”**, define o teólogo. Reconhecido como um dos maiores nomes da teologia brasileira e um dos principais pensadores da Teologia da Libertação, Leonardo completa hoje, dia 14 de dezembro, oitenta anos. Este é para ele, um momento de revisitar alguns dos seus pensamentos e de se ligar ao que ainda está para vir. **“Estou cada vez mais convencido de que o que as pessoas querem, sobretudo, não é teologia, mas sim espiritualidade. Todos começam a ficar saturados das numerosas mensagens de todo o tipo, cansados de discursos religiosos, de encíclicas e coisas do género. Ninguém quer mais ouvir falar de Deus, mas sim que lhe ensinem como experimentar Deus realmente”**, observa Boff.

Na entrevista que se segue, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, recorda os primeiros movimentos que deram origem ao que se virá a chamar a Teologia da Libertação. **“A teologia permanecia fechada nas academias, enquanto a pastoral estava no meio do povo e dos operários. Não se ouviam uma à outra”**, recorda o teólogo. E acrescenta que **“D. Helder [Câmara] foi o primeiro a perceber que o nosso desenvolvimento significava um desenvolvimento do subdesenvolvimento”** e que, por isso, era necessário conceber uma nova forma de ser Igreja que abordasse as duras realidades dos países periféricos. **“Não tivemos mestres específicos. Conseguiu-se o que se conseguiu com a inserção dos teólogos no meio dos pobres, à descoberta do Cristo crucificado que devia ser descido da Cruz, e com a ação dos nossos bispos proféticos que, corajosamente, defendiam os direitos humanos, sob a opressão da ditadura militar”**, observa ele.

Entretanto, reconhece que a atuação dos leigos foi fundamental para atualizar esta necessidade de **“ser Igreja”**. **“A Teologia da Libertação não seria o que foi e como é hoje em dia, sem a presença de Paulo Freire, com o seu método libertador e os seus dois clássicos, *Pedagogia do oprimido* e *Educação como prática da liberdade*”**, acrescenta. E define: **“a Teologia da Libertação não é uma nova disciplina teológica, mas um novo modo de fazer teologia, com as suas raízes cravadas no inferno da pobreza e optando pelos condenados da Terra”**. A quem ainda pretende ver, nessa forma de pensar, apenas um instrumento marxista, Boff responde que **“Marx não foi nem pai nem padrinho da Teologia da Libertação”**. **“Mas há que reconhecer que Marx nos ajudou a ver, no pobre, não apenas um pobre, mas alguém feito pobre”**, afirma categoricamente.

Além de uma avaliação desta experiência acerca da Teologia da Libertação – que para ele tem como principal reconhecimento a eleição de Jorge Mario Bergoglio como papa, pois considera que ele **“provém do caldo cultural da Teologia da Libertação”** –, Leonardo também retoma conceitos que são importantes na sua concepção de cristianismo. Entre eles, o da morte. **“Para mim, a morte pertence à vida. É seu ponto culminante”**, observa. Afinal, segundo ele, **“a Ressurreição de Jesus veio mostrar-nos esse outro lado nosso: a irrupção do “novissimus Adam”, a emergência do ser novo, unido à realidade divina”**.

Por fim, falar de Leonardo Boff é, também, falar em ecologia, ou nos cuidados da Casa Comum, como ele diz. Aliás, numa outra concepção de pensamento ecológico, até então, pouco usual. **“Dei-me conta de que não somente as florestas gritam, gritam também os animais, as águas, os solos e os ares. Todos são explorados pelo ser humano, na sua voracidade em busca de comodidades e riqueza. O planeta Terra é o mais explorado de todos. Já está a perder a sustentabilidade”**, recorda. Assim, numa outra cosmovisão, tencionia pegar nesta, também, como uma das questões a serem abarcadas por uma teologia em sintonia com os problemas do mundo. **“Dentro da opção pelos pobres, devemos incluir o Grande Pobre que é a nossa Mãe Terra. Daí nasceu uma Ecoteologia da Libertação”**, refere ele.

Leonardo Boff é doutor em teologia pela Universidade de Munique, na Alemanha. Foi professor de teologia sistemática e ecumênica nos Franciscanos, em Petrópolis, e depois professor de ética, filosofia da religião e de ecologia filosófica na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sendo uma referência no campo da Teologia, é um dos fundadores da Teologia da Libertação. Em 1985, foi condenado a um ano de silêncio obsequioso pelo ex-Santo Ofício, em consequência das teses defendidas no livro *Igreja: carisma e poder* (Record). A partir da década de oitenta, dedicou-se à questão ecológica, como prolongamento da Teologia da Libertação. Foi membro da Ordem dos Frades Menores (franciscanos) até 1992, quando pediu a sua saída da congregação e do sacerdócio, dedicando-se, exclusivamente, aos estudos teológicos. Agora, em 2018, ao celebrar oitenta anos de vida, está em vias de lançar ***Reflexões de um velho teólogo e pensador*** (Petrópolis: Vozes, 2018).

Entre os inúmeros livros publicados, destacamos: *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade* (Rio de Janeiro: Record, 1993), *Civilização planetária* (Rio de Janeiro: Sextante, 1994), *A voz do arco-íris* (Rio de Janeiro: Sextante, 2000), *Saber cuidar* (Ed. 20. Petrópolis: Vozes, 2014), *Ética e eco-espiritualidade* (Petrópolis: Vozes, 2011), *Homem: satã ou anjo bom* (Rio de Janeiro: Record, 2008), *Evangelho do Cristo cósmico* (Rio de Janeiro: Record, 2008), *Do iceberg à Arca de Noé* (Rio de Janeiro: Sextante, 2002), *Opção Terra. A solução da Terra não cai do céu* (Rio de Janeiro: Sextante, 2009), *Proteger a Terra-cuidar a vida. Como evitar o fim do mundo* (Rio de Janeiro: Record, 2010), *Ecologia: grito da Terra, grito do pobre* (Petrópolis: Vozes, 1995), além de ***Reflexões de um velho teólogo e pensador*** (Petrópolis: Vozes, 2018).

Assista ao testemunho do entrevistado, durante a comemoração dos seus oitenta anos realizada, a 07 de dezembro, pela Editora Vozes e Instituto Teológico Franciscano, em Petrópolis, no Rio de Janeiro:

IHU On-Line – A Teologia da Libertação trouxe-nos uma outra percepção do “ser Igreja”, quando se atravessava um momento muito duro, especialmente no Brasil. Gostaria que recuperasse este momento, e nos contasse quais as fontes, autores e teóricos, que inspiraram este primeiro grupo que apostou nesta perspectiva teológica?

Leonardo Boff – A Teologia da Libertação nasceu da preocupação da Igreja com a pobreza das grandes maiorias empobrecidas. Foram os profetas da Igreja como dom Helder Câmara, dom José Maria Pires, dom António Fragoso, dom Pedro Casaldáliga, o cardeal dom Paulo Evaristo Arns, entre outros, que sentiram que a missão da Igreja junto dos pobres devia ser libertadora e não mais assistencialista. Dom Helder foi o primeiro a perceber que o nosso desenvolvimento significava um desenvolvimento do subdesenvolvimento. Deveríamos fazer não uma teologia do desenvolvimento, mas da libertação das amarras que nos prendiam a um tipo de desenvolvimento, feito à custa dos muitos pobres em favor de poucos ricos. Numa reunião de bispos do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), em Montevidéu, no final dos anos sessenta, saiu da boca de dom Helder a palavra libertação. Esta palavra foi retomada por Gustavo Gutiérrez quando este, encontrando-se em Itaipava-Petrópolis, numa reunião de bispos latino-americanos que faziam um balanço das sessões do Vaticano II, disse que a missão da Igreja, neste nosso Continente empobrecido, deveria ser uma missão libertadora.

Depois, em 1971, em Lima, Gutiérrez lançou o seu livro-fundador *Teologia da libertação: perspectivas* (São Paulo: Loyola, 1999). Eu, sem saber nada dele, escrevia todos os meses, na revista para religiosas *Sponsa Christi*, artigos sobre Jesus Cristo Libertador. Fazia-o para escapar da repressão dos militares, pois a palavra libertação era proibida. Em janeiro de 1972, estes artigos reunidos deram origem ao livro *Jesus Cristo Libertador* (Petrópolis, RJ: Vozes, 1972), tido como o iniciador, no Brasil, deste tipo de teologia.

Inspirações

Não tivemos mestres específicos. O que se conseguiu deve-se à inserção dos teólogos no meio dos pobres, à descoberta do Cristo crucificado que devia ser descido da Cruz, e à ação dos nossos bispos proféticos que, corajosamente, defendiam os direitos humanos, sob a opressão da ditadura militar. Aqui cabe dizer o seguinte: a Teologia da Libertação não seria o que foi e o que é hoje em dia, sem a presença de Paulo Freire com o seu método libertador e os seus dois clássicos *Pedagogia do oprimido* e *Educação como prática da liberdade*.

Enquanto cristão, ele sempre se considerou um dos fundadores da Teologia da Libertação. Nele descobrimos o método: antes de mais nada, ouvir o povo, e depois refletir e trabalhar o material recolhido. Freire ajudou-nos a assumir o método da Ação Católica mundial: ver, julgar, agir e celebrar (isto é um acréscimo da Teologia da Libertação).

Em segundo lugar, está o que constitui o cerne da Teologia da Libertação, sem o qual não se pode falar em libertação: a opção especial pelos pobres, o combate à sua pobreza e a luta pela justiça social que significa a verdadeira libertação. Os sujeitos

dessa libertação, - e isto aprendemos com Paulo Freire e com a prática pastoral junto dos oprimidos -, são os pobres, eles próprios, quando consciencializados e organizados. Nós entramos pela porta de trás, como força auxiliar. Portanto, a Teologia da Libertação não é uma nova disciplina teológica, mas um novo modo de fazer teologia, com as suas raízes cravadas no inferno da pobreza e optando pelos condenados da Terra.

Sem este amor pelos mais desvalidos, e sem a experiência espiritual de ver neles a atualização da Paixão de Cristo, nunca teria nascido a Teologia da Libertação. Sem amor e sem espiritualidade, a Teologia da Libertação não teria conservado o seu caráter eminentemente teológico com efeitos claramente sociais, pois a libertação constitui um valor social em si mesmo, mesmo quando nascida de uma prática religiosa.

Reações da Igreja

Infelizmente, as autoridades doutrinárias da Igreja não se deram conta desta base espiritual, e passaram a considerar a Teologia da Libertação, segundo diziam, como um cavalo de Troia, mediante o qual o marxismo entraria na América Latina. Apesar da sua boa intenção, essa intenção, afinal, não era boa, pois começaram a censurar teólogos e bispos.

Marx não foi nem pai nem padrinho da Teologia da Libertação. O grito dos oprimidos do Êxodo, os profetas bíblicos, a mensagem e a prática de Jesus e dos apóstolos é que estiveram e estão na base desta Teologia. Mas há que reconhecer que Marx nos ajudou a ver no pobre não apenas um pobre, mas alguém feito pobre, portanto, um empobrecido, o que equivale a dizer, um oprimido por um sistema que lhe explora o trabalho e lhe suga o sangue.

De que forma a Teologia da Libertação influenciou a produção teológica no mundo?

Este modo de fazer teologia influenciou, extraordinariamente, a comunidade teológica mundial, pois era a primeira vez que, na periferia do mundo e da Igreja, irrompia um pensamento diferente, ligando a prática à teoria, a pastoral à teologia. O que havia antes era uma dissociação destas duas realidades. A teologia permanecia fechada nas academias, enquanto a pastoral estava no meio do povo e dos operários. Não se ouviam uma à outra. Havia, ainda, os desafios que nos chegavam do mundo e que impeliam a teologia a mudar de método e de agenda. Foi esta a colaboração que a Teologia da Libertação trouxe à Igreja Universal.

Espalhou-se na África, na Ásia, por toda a América Latina e em grupos de solidariedade com o então chamado “Terceiro Mundo”, na Europa e nos Estados Unidos. Apercebíamo-nos, claramente, de que se tratava do pensamento adequado à relação da fé com a injustiça social. Esta significava opressão, e contra a opressão recorre-se à libertação. Nos grandes encontros que organizámos no Brasil ou no México, estes aliados estavam sempre presentes. Fomos enriquecidos, com o passar do tempo, pela teologia negra norte-americana de libertação e pela teologia feminista de libertação. Por fim, recebemos a grande contribuição da teologia a partir dos povos indígenas, com a sua sabedoria ancestral.

Geralmente, uma nova corrente teológica demora uma ou mais gerações a fazer-se sentir no centro do poder religioso que está em Roma, especialmente nas instâncias doutrinárias. Neste caso, foi bastante cedo, logo na primeira geração, que se deu a primeira reação da Congregação para a Doutrina da Fé, carregada de incompreensões e vítima do horror ao comunismo, fruto da Guerra Fria. A reação foi de suspeita e até de condenação. O documento do cardeal Joseph Ratzinger dizia, cautelosamente, tratar-se da condenação de alguns aspetos desta teologia. Mas a sua intervenção foi, muito em breve, entendida como uma pura e simples condenação deste tipo de teologia. Houve muito sofrimento.

As sanções

Sob suspeita de participarem desse ideário, muitos teólogos e teólogas perderam as suas cátedras, deixaram de ser convidados para cursos e retiros espirituais, e foram, até, condenados ou obrigados a justificar-se em Roma, como sucedeu com Gustavo Gutiérrez (através dos bispos peruanos reunidos em Roma e assessorados pelos teólogos do Vaticano). E a mim, pessoalmente, que tive a honra de saudar a cadeirinha onde Galileo Galilei e Giordano Bruno também se sentaram um dia, além de outros melhores do que eu.

Universalidade teológica

Temos vindo a aperceber-nos da universalidade desta Teologia, nas várias sessões do Fórum Social Mundial. Há três dias, nesse mesmo local, realizou-se um congresso da Teologia da Libertação, com a participação de duas ou três mil pessoas, vindas das várias partes do mundo onde ela está viva e atuante. Depois, essas pessoas participaram nas várias temáticas do Fórum. Geralmente, as conferências dos teólogos da libertação estavam entre as mais concorridas. Aí, não se pronunciavam meras palavras, mas sim coisas que tocavam o coração, com o seu insistente apelo em favor dos pobres e oprimidos e da sua libertação integral.

Papa Francisco

Para nós, o maior impacto foi a ascensão do cardeal Bergoglio à Cátedra de Pedro, com o significativo nome de Francisco. Ele provém do caldo cultural da Teologia da Libertação, da vertente argentina que enfatizava a libertação da cultura silenciada e do povo oprimido. Segundo o testemunho do seu professor Juan Carlos Scanonne, ainda vivo, desde jovem e estudante de teologia que Bergoglio se entusiasmou por este tipo de teologia. Viveu-a como cardeal, despojando-se de todo o aparato que rodeia um cardeal, viajando de autocarro, vivendo num pequeno apartamento, e visitando com muita frequência as “villas miseria”, como são chamados os bairros de lata na Argentina.

Francisco transportou para o centro da cristandade esta cultura teológica e pastoral. Despojou-se de todos os símbolos pagãos que ornavam a figura do papa. Renunciou ao palácio pontifício e foi viver numa casa de hóspedes. Come junto dos outros hóspedes, toma o seu lugar na fila para as refeições, dizendo com humor: “assim é mais difícil envenenarem-me”. Podemos, porventura, imaginar o seu patrono São Francisco, o *poverello* “pútrido e fétido, mesquinho, miserável e vil”, como se referia a si mesmo, a viver num palácio pontifício? O papa Francisco captou bem esta

contradição e retirou daí as consequências, abandonando os pomposos espaços dos edifícios pontifícios.

Será que hoje, a Teologia da Libertação ainda enfrenta os problemas deste mundo pós-moderno, em que as relações são atravessadas pela tecnologia e se assiste ao regresso da extrema direita?

A Teologia da Libertação é, hoje em dia, mais urgente, ainda, do que antes. A sua atenção está focada nos pobres e marginalizados do mundo e, atualmente, o seu número aumentou exponencialmente. Vivemos tempos cruéis e impiedosos. Vigora uma acumulação espantosa de riqueza em pouquíssimas mãos, à custa da espoliação da grande maioria dos seres humanos, dos seus países e da exploração desenfreada dos parques bens e serviços da Mãe Terra. É devido a esta realidade que a Teologia da Libertação se internacionalizou e abriu um novo leque de questões desafiantes: como preservar a Casa Comum, como organizar a resistência das vítimas, de modo a poderem articular-se a nível mundial, a fim de fazer frente à desumanização e às agressões à natureza, capazes de pôr em risco o futuro da espécie humana?

Como fazer Teologia da Libertação num contexto onde prevalecem a intolerância e a ascensão da direita e extrema direita, constitui um capítulo à parte. Creio que, para os teólogos da Libertação, mais do que discutir politicamente essas questões, que devem ser discutidas, o desafio é estar ao lado das vítimas, no caso do Brasil, dos homossexuais, dos LGBTI, das comunidades quilombolas, dos afrodescendentes (55,4% da população), dos membros do MST e dos Sem-Teto, com o risco de serem condenados por terrorismo, devido à violência desencadeada contra eles. Devemos caminhar ao seu lado e, se for caso disso, participar do seu destino. Como dizia uma mulher negra resistente: “se decidiram matar-nos, nós decidimos não morrer”. E eu acrescentei: “nós decidimos ressuscitar a cada morte”.

Hoje em dia, o que é fazer teologia? Que espaço ocupa o pensamento teológico neste mundo pós-moderno?

Estou cada vez mais convencido, ao frequentar vários ambientes do mundo, tanto daqui como de fora, mesmo do meio popular, de que as pessoas anseiam não tanto por teologia, mas mais por espiritualidade. Todos estão já saturados das inúmeras mensagens de todo o tipo, cansados de discursos religiosos, de encíclicas e de coisas do género. Não querem mais ouvir falar de Deus, querem é saber como experimentar Deus realmente. Escutam com atenção quem lhes fala a partir de Deus, irradiando uma aura de sagrado e de divino que, de alguma forma, preenche a nossa existência.

Na espiritualidade, todos nos encontramos. Geralmente, as religiões guerreiam-se umas às outras, ou justificaram muitas guerras. A espiritualidade, pelo contrário, vai até ao mais profundo do homem, onde se encontra, debaixo de cinzas, uma brasa sagrada que pode ser despertada e transformar-se numa chama ardente. Ela gera entusiasmo (ter um deus dentro, em grego), uma paz que nenhum psicotrópico pode dar, e uma discreta alegria de viver com poucas coisas, e ser capaz de solidariedade e de compaixão com quem sofre entre os humanos e na natureza.

A teologia é sempre possível, e deve ser feita para responder com sentido crítico

às últimas questões da condição humana, mas deve desembocar, sempre, numa espiritualidade. Deve ser boa para as pessoas, e levá-las a descobrir o caminho que as leve ao encontro com a Suprema Realidade.

Foi um dos ideólogos das Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs. Hoje, cinquenta anos após a sua criação, como avalia a atuação desses grupos?

As Comunidades Eclesiais de Base significaram uma criação de emergência, suscitada pela própria Igreja brasileira, devido à falta de sacerdotes que dessem assistência à maioria católica. Inicialmente, as CEBs estavam ligadas a uma qualquer paróquia. Lentamente, foram ganhando autonomia, à medida que os leigos foram assumindo as várias funções de ler e comentar a Palavra de Deus, e as diferentes atividades, como a catequese, a liturgia, o cuidado com os doentes e a participação nos sindicatos. Há uma propriedade que lhes é característica: serem grupos de base, tanto eclesial, formada de leigos, homens e mulheres, como social, constituída de pobres. Realizam a essência da Igreja que é ser uma *“comunitas fidelium”*, uma comunidade de fiéis, fé essa que congrega as pessoas. Onde houver dois ou mais reunidos, - é palavra de Jesus -, aí está presente o Ressuscitado.

Portanto, há quatro presenças reais: a da fé, a da Palavra de Deus, a da comunidade e a do Ressuscitado. O que constitui o núcleo central do que significa Igreja concreta. Não é como alguns teólogos oficialistas diziam: as CEBs possuem elementos eclesiais, mas não são Igreja. Assim pensava, também, o papa João Paulo II. E quando dom Helder Ihe explicou que, se Ihes retirássemos o caráter de Igreja, a repressão militar cairia sobre elas e as destruiria, o Papa atalhou logo: então que sejam consideradas Igreja.

Logicamente as CEBs podem e devem ser enriquecidas pelos sacramentos, pela Eucaristia, pelo grupo de animação e direção, e ainda por outros elementos. Mas é decisivo sublinhar que elas são Igreja verdadeira na sua base. Sob o regime da ditadura militar, eram um dos poucos espaços onde as pessoas se podiam reunir sem serem reprimidas. Ganham força social e grande visibilidade, pois eram ativas na defesa dos direitos humanos, a partir dos direitos dos pobres. Chegaram a atingir o número de cem mil.

CEBs na atualidade

Hoje, na democracia, surgiram muitos outros movimentos, fazendo com que as CEBs diminuíssem em número. Já não possuem a mesma visibilidade, mas existem por todos os lados, revelando um novo modo de ser Igreja, mais comunidade do que sociedade eclesial-piramidalmente organizada. Estão presentes em quase todos os Continentes. Transportam consigo, quiçá, como semente, o futuro da Igreja dentro do processo de mundialização. Não se trata já da Igreja ocidental distribuída pelo mundo, mas da Igreja de Cristo que lança raízes nas várias culturas, sob a forma de pequenas comunidades que assumem um rosto novo, consoante a diversidade cultural.

As suas posições em relação à hierarquia da Igreja Católica, acarretaram-lhe vários processos e uma série de sanções. O que reteve dessa experiência?

Fui punido com o “silêncio obsequioso”, um eufemismo para a proibição de ensinar,

de falar em público e de escrever. Foi por causa do livro *Igreja: carisma e poder* (São Paulo: Record, 2005), no qual eu criticava a forma centralizadora da organização da Igreja, com a exclusão dos leigos e das mulheres do processo de decisão dos caminhos da Igreja. Essa crítica foi vista como reflexo do protestantismo e do marxismo da minha teologia. Curiosamente, não condenaram nenhuma das minhas doutrinas. O texto oficial dizia, apenas, que a minha prática punha em risco a fé dos fiéis. Nunca, na história da Igreja, se condenaram práticas, mas sim doutrinas sobre a fé e a moral. Sentia-me em boa companhia com Jesus, que dizia: “vim trazer o fogo à terra e o que mais desejo é que ele arda”. Não há prática mais revolucionária do que esta.

Mas nunca guardei nenhum rancor por causa desta condenação. Pouco depois do meu interrogatório, disse ao cardeal Ratzinger, - que sempre foi meu amigo -, nas longas conversas mantidas em reuniões de preparação da revista *Concilium*, em qualquer uma das cidades europeias, sempre na semana de Pentecostes: “tenho pena de si, pois tem de me condenar, obrigado pelo tipo de teologia vigente no Vaticano, teologia do poder sagrado que não tolera nenhuma crítica; vê a crítica como deslealdade”. Ele ficou em silêncio, e tenho a certeza que, pelo que dele ouvi em conferências na Alemanha, no fundo, me dava razão. Nunca quebrámos a nossa amizade, a ponto dele, aquando da celebração dos seus noventa anos, me ter solicitado uma página a seu respeito. Fi-lo com todo o gosto, sem me referir ao ato punitivo que já pertencia ao século passado. Estamos num novo século, temos outro papa e outro tipo de teologia mais benigna e servidora da vida.

Ao longo dos seus oitenta anos, a Igreja passou por muitas transformações? Que Igreja viu, que Igreja vê hoje em dia, e que Igreja imagina para o futuro?

Durante trinta anos, atravessámos um longo inverno na Igreja, sob os pontificados dos papas João Paulo II e Bento XVI. Foi um regresso à grande disciplina, passando por cima das decisões do Concílio Vaticano II. Foram tempos de controlo doutrinário rigoroso, de censura e da proibição de introduzir novidades na Igreja e na teologia. Mais de cem teólogos e teólogas foram punidos, perderam as cátedras ou foram silenciados. O mais grave foi a nomeação de novos bispos, muitos deles oriundos da área do Direito Canónico, conservadores, que se apresentavam mais como autoridades eclesíásticas de costas para o povo, do que como pastores no meio do povo. Tal situação refletiu-se como um retrocesso da Igreja no seu compromisso com os pobres e com os Direitos Humanos contra a injustiça social. Esse vazio foi preenchido por um cristianismo tradicionalista e pietista que recorre às rádios e, especialmente, aos programas de televisão, para anunciar uma fé sem ligação com os pobres e a injustiça social, mediocrizada, mais interessada no espetáculo do que na transformação das consciências, sensíveis às angústias dos mais vulneráveis.

Creio que este tipo de cristianismo tem mais a ver com uma visão medievalista da Igreja, do que com a tradição de Jesus, pobre, humilde, caminhando no meio do povo pelas estradas poeirentas da Palestina. Este tipo de Igreja não honra a grandeza da figura histórica de Jesus, muitas vezes, melhor captada, até, por ateus. Na nova fase da humanidade, a planetária, na qual todos estão interligados com todos, e o Ocidente é considerado como mais um acidente histórico, e já não o centro da cultura

do mundo, vejo a Igreja de Cristo constituída por redes de comunidades, inseridas nas muitas culturas, com suas teologias próprias, a sua forma de rezar a Deus e de se organizarem.

Considerarão o papa como ponto de referência comum. Este andaré peregrinando pelo mundo, visitando as comunidades e confirmando-as na fé, pois foi essa a missão dada por Jesus a Pedro. As várias congregações da Cúria já não precisarão de ter a sua sede em Roma, podendo tranquilamente estar distribuídas pelo mundo: na África, a que trata dos assuntos da inculturação; na Ásia, a que se ocupa com o diálogo inter-religioso; na América Latina, a que zela pelos Direitos Humanos; na Europa, a que desenvolve o diálogo ecuménico entre as igrejas cristãs. Temos acesso ao Skype e a outros meios que nos permitem comunicar visivelmente e realizar mesas-redondas com a presença virtual das pessoas. Será a Igreja de Cristo na sua forma adequada ao novo patamar alcançado pela humanidade. Já fiz chegar ao papa Francisco este meu ponto de vista. Oxalá ele, ou outro que lhe suceda, o possa realizar.

Trabalhou muitos conceitos e, de forma muito particular, o da morte. Gostaria que nos deixasse aqui o seu entendimento sobre ‘o que é a morte’.

Trabalhei bastante este tema, ligado à Ressurreição de Jesus e às muitas palestras que tenho dado a médicos e a operadores na área da saúde. Para mim, a morte pertence à vida. É o seu ponto culminante. Ela não significa o fim, mas uma transformação “alquímica” através dela. A morte permite-nos dar um salto para o outro lado de nós mesmos, invisível para nós, mas real. Este salto permite que continuemos a viver dentro de outra forma.

A Ressurreição de Jesus veio mostrar-nos esse outro lado de nós próprios: a irrupção do “*novissimus Adam*”, a emergência do ser novo, unido à realidade divina. São Paulo garante-nos que ele será “o primeiro entre muitos irmãos e irmãs, e que nós o seguiremos depois”. Tenho afirmado que não vivemos para morrer, mas que morremos para ressuscitar, para viver mais e melhor. Seria bom que a Igreja, na sua catequese e evangelização, insistisse nesta doutrina de São Paulo, em vez de ficar refém da ideia platónica da imortalidade de uma parte de nós, a alma, apenas. É o homem inteiro que morre. É o homem inteiro que ressuscita, não como Lázaro que acabou por morrer, por não ser mais do que a reanimação de um cadáver, mas como Jesus que tem uma presença cósmica.

Como Ele, também nós penetramos no coração do universo, onde tudo é um só coração, unidos com o coração da montanha, com o coração da planta, com o coração do animal, com o coração do ser humano no seio do coração do Deus-Trindade.

A ecologia é outro conceito muito presente nas suas reflexões. Quando e por que razão sentiu necessidade de trabalhar este conceito a partir da teologia?

A minha preocupação com a ecologia nasce do facto de ter sido franciscano durante mais de trinta anos. Sempre conservei o espírito do “Sol de Assis”, como lhe chama Dante Alighieri. Mais concretamente, foi uma consequência da própria opção pelos pobres, eixo central da Teologia da Libertação. A partir dos anos oitenta, apercebi-me

de que não são só as florestas que gritam, mas que também os animais, as águas, os solos e os ares gritam. Todos são explorados pelo ser humano, na sua voracidade de procurar comodidades e riqueza. O planeta Terra é o mais explorado de todos. Já começa a perder a sustentabilidade. Necessita de um ano e meio para repor aquilo que lhe tiramos durante um ano.

Portanto, dentro da opção pelos pobres, devemos incluir o Grande Pobre que é a nossa Mãe Terra. Foi daqui que nasceu a Ecoteologia da Libertação. Para estar à altura da reflexão contemporânea, tive de me dedicar, durante bastante tempo, às novas ciências da vida e da Terra, como a mecânica quântica, a astrofísica, a cosmologia e a nova biologia e antropologia. O fruto deste esforço foi o meu livro mais complexo e volumoso, escrito em parceria com um cosmólogo canadiano, Mark Hathaway: *O Tao da libertação: uma ecologia da transformação*, de 2010 (Petrópolis, RJ: Vozes, 2010). Ao ler o manuscrito, Fritjof Capra ficou tão entusiasmado que quis ser ele próprio a escrever o prefácio.

A comunidade científica norte-americana acolheu bem este livro, a ponto de recebermos em 2010 a medalha de ouro em ciência e nova cosmologia. Este trabalho a quatro mãos custou-nos treze anos de estudo e trabalho, dedicados à leitura da principal literatura científica da área. Mas modificou a minha visão do mundo. É mais fácil fazer teologia dentro desta visão do novo paradigma do que dentro do velho, herdado dos gregos e dos pais fundadores da modernidade, no século XVII.

No seu novo livro, *Reflexões de um velho teólogo e pensador*, formula o seu pensamento dentro da nova cosmologia, que vê o universo em cosmogénese, e o ser humano em antropogénese, e a forma como Deus emerge nesse processo.

Pode pormenorizar um pouco mais em que consiste essa sua cosmologia?

Não é fácil pormenorizar em que consiste a nova cosmologia. Após anos de estudo, publiquei um livro, lindamente ilustrado, onde tento resumir, para o grande público, a nova visão das coisas. O título é *De onde vem: o universo, as estrelas, o sol, a Terra, a vida, o espírito e Deus* [Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2017]. No fundo, é o que diz a nova cosmologia, especialmente o seu maior representante, Brian Swimme, que juntamente com o teólogo Thomas Berry escreveu uma história da evolução, desde o big bang aos dias de hoje: *The Universe Story* [Estados Unidos: HarperOn, 1992]. Aí se afirma a profunda unidade complexa de todo o processo cósmico, incluindo todos os seres e as suas manifestações que irrompem da Energia de Fundo, inicialmente apelidada Vácuo Quântico. Mas como nada tem de vácuo, visto ser um oceano sem margens de virtualidades, passaram a chamar-lhe Fonte Originária de todo o Ser ou Abismo gerador de Tudo.

Daí irrompeu, ninguém sabe como nem porquê, um pontinho, menor que a cabeça de um alfinete, mas repleto de energia. De repente, explodiu, dando origem a tudo o que existe hoje, inclusive a Terra e cada um de nós. Nunca poderemos ultrapassar aquilo que se chama o “Muro de Planck”, aquela realidade anterior ao big bang. Mas convencionou-se que este big bang nos remete para esta derradeira realidade. Os

cosmólogos atribuem-lhe as qualidades de infinitude, de suprema plenitude, de misteriosidade e outras.

Ora, dizem alguns desses cosmólogos, são essas as características que as religiões atribuem àquilo a que se dá o nome de Tao, Shiva, Alá, Javé, Olorum e Deus. Eu diria que essa Energia de Fundo não é Deus, porque Deus é ainda maior. Mas é, com certeza, uma das suas melhores metáforas, o seu sacramento essencial. De entre todas as forças, Deus emerge de dentro do processo cosmogénico como aquela Suprema Energia que tudo move e a atrai para uma Suprema Realidade a que Teilhard de Chardin chamou Ponto Ómega. É poderosa e amorosa. O ser humano pode abrir-se-lhe, acolhê-la porque a sente, também, dentro de si. Ela nos assegura o fim bom de toda a criação.

Estamos novamente a viver um tempo de advento. Quais os desafios que se nos apresentam, para que nos preparemos, hoje em dia, para a Boa-Nova?

Na verdade, estamos sempre numa situação de advento. Advento de nós mesmos, porque nascemos completos, mas não prontos. Há um futuro para nós próprios. Esse futuro é um advento que nos convida a uma sempre maior perfeição. Mas também há um advento de Deus. Ele sempre veio e continua a vir visitar-nos. Cabe-nos acolhê-Lo com o coração nas mãos. De cada vez, Ele vem uma única vez. Se não estivermos vigilantes, poderá chegar sem que nos apercebamos da sua chegada. Assim, o advento é esse momento da espera vigilante para que, quando Ele nos quiser visitar, encontre a nossa morada aberta à sua entrada. E oxalá que Ele se esqueça de ir embora. Será, então, o Deus connosco, o Natal do Filho de Deus entre nós.



Leonardo Boff (Foto: Reprodução do Facebook)

<https://leonardoboff.wordpress.com/2018/12/16/ihu-entrevista-de-leonardo-boff-pelos-seus-80-anos/>

Carta do Papa Francisco a Leonardo Boff

O Papa Francisco está a sofrer grande oposição por parte de alguns da Cúria Romana e, curiosamente, também de membros conservadores do governo Trump, articulados com grupos conservadores e até reacionários da Igreja Católica norte-americana, liderados pelo Cardeal Viganó.

*Como apoio ao Papa Francisco lhe escrevi uma carta, como fiz de outras vezes. Através do embaixador argentino junto a Santa Sé, Valdés, no governo de Cristiana Kirchner, me respondia através dele. O mesmo fez ao escrever a encíclica **Laudato Sí**: sobre o cuidado da Casa Comum, agradecendo minha modesta colaboração.*

Aqui mostro a carta de agradecimento pelo meu apoio a ele com os melhores augúrios pelos meus 80 anos de vida.

Eis a carta:

Dr. Leonardo Boff

Querido hermano,

**Gracias por tu carta enviada tràmite el P. Fabiàn.
Me alegrò recibirla y te agradezco la generosidad de
tus comentarios.**

**Recuerdo nuestro primer encuentro, en San Miguel,
en una reuniòn de la CLAR, allà por los anios 72-75. Y
luego te seguì leyendo algunas de tus obras.**

**Por estos dìas estaràs cumpliendo 80 años. Te hago
llegar mis mejores augurios.**

**Y, por favor, no te olvides de rezar por mì. Lo hago
por vos y tu Senora.**

Que Jesùs te bendiga y la Virgen Santa te cuide.

Fraternalmente.

Francisco

por que me envergonho de ser israelita



NÃO ACREDITO QUE O POVO JUDEU TENHA VIVIDO TODA A SUA VIDA EM SOFRIMENTO, vítima de perseguição e suportando infandas crueldades, para agora se converter no opressor que sujeita os outros às suas próprias crueldades.

Em 2004 discurssei perante o Kneset – o Parlamento israelita – e falei da *Declaração de Independência do Estado de Israel*. Qualifiquei-a como “fonte de inspiração para acreditarmos nos ideais que nos levaram a deixar de ser judeus e a transformar-nos em israelitas”, e prossegui dizendo que “este documento extraordinário expressava o seguinte compromisso: ‘O Estado de Israel dedicar-se-á ao desenvolvimento deste nosso país em benefício de todos os seus povos; fundar-se-á nos princípios de liberdade, justiça e paz, guiado pelas visões dos profetas de Israel; reconhecerá a plena igualdade de direitos sociais e políticos a todos os seus cidadãos, independentemente da sua religião, raça ou sexo; garantirá a liberdade religiosa, de consciência, língua, educação e cultura”.

Os pais fundadores do Estado de Israel que assinaram esta Declaração, viam no princípio da igualdade a pedra angular da sociedade que estavam a construir. Também se comprometeram – tanto eles como nós próprios – a “buscar a paz e a estabelecer boas relações com todos os países e povos vizinhos”.

Passados setenta anos, o Governo israelita acaba de aprovar uma nova lei que substitui o princípio de igualdade e valores universais pelo nacionalismo e pelo racismo.

É com imenso pesar que me vejo forçado a repetir, exatamente, as mesmas perguntas que há catorze anos dirigi ao Kneset: Será possível não nos preocuparmos com a intolerável distância que separa as promessas da Declaração de Independência dos factos, a distância entre a ideia e a realidade de Israel?

Será que a situação de ocupação e domínio sobre outros povos encaixa na Declaração de Independência? Terá sentido a nossa própria independência à custa dos direitos fundamentais dos outros?

Pode o povo judeu, cuja história é uma crónica de sofrimento contínuo e perseguição implacável, consentir na indiferença, em relação aos direitos e padecimentos dum povo seu vizinho?

Pode o Estado de Israel permitir-se sonhar, ingenuamente, com uma solução ideológica do conflito, em vez de buscar uma resolução pragmática e humanitária baseada na justiça social?

Passados catorze anos, continuo a crer que, apesar de todas as dificuldades objetivas e subjetivas, o futuro de Israel e o seu lugar na família dos países ilustrados dependerá da sua capacidade de cumprir a promessa dos pais fundadores, tal como eles a deixaram consagrada na Declaração de Independência.

E, contudo, nada, de facto, se alterou verdadeiramente desde 2004. Bem pelo contrário! Existe agora uma lei que atribui à população árabe a condição de cidadãos de segunda classe. Trata-se, por conseguinte, de uma forma bem evidente de apartheid. Não acredito que o povo judeu tenha vivido toda a sua vida em sofrimento, vítima de perseguição e suportando infandas crueldades, para agora se converter no opressor que sujeita os outros às suas próprias crueldades. Mas é isto, precisamente, que esta nova lei faz. É por isso que hoje me envergonho de ser israelita.

DANIEL BARENBOIM (Buenos Aires, 1942) é pianista e diretor de orquestra. Tem nacionalidade argentina, espanhola, israelita e palestina.